

ENTRE PRESERVAR E TRANSFORMAR:

Práticas culturais de crianças quilombolas no Sertão nordestino

BETWEEN PRESERVING AND TRANSFORMING:

Cultural practices of *quilombola* children in the northeast Sertão

ENTRE CONSERVAR Y TRANSFORMAR:

Prácticas culturales de los niños quilombolas en el interior nororiental

ENTRE CONSERVER ET TRANSFORMER:

Pratiques culturelles des enfants quilombolas du nord-est du Sertão

Lisa Victória Lopes Gonzaga de Souza

Graduação em Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas - campus do Sertão; Estudante de especialização em Educação Especial e Inclusiva na Perspectiva Transdisciplinar CIED/CPG-PROPEP/UFAL, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil.



lisavictoria20161@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6642-3813>

Suzana Santos Libardi

Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas - campus do Sertão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil.



suzana.libardi@delmiro.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-2185-6786>

Recebido em: 07/12/2022

Aceito para publicação: 17/05/2023

Resumo

Este trabalho trata de práticas culturais das gerações mais novas de uma comunidade quilombola do Sertão nordestino, localizada no município de Água Branca-AL, Brasil. Foram realizadas 11 oficinas com 37 crianças quilombolas e 2 idosos/as. A partir do protagonismo das crianças, foram executadas caminhadas pelo território, rodas de conversas, diálogos intergeracionais, brincadeiras e confecção de brinquedos ensinados por essas gerações. Com as atividades realizadas, os/as participantes mais jovens explicitaram sua identidade quilombola ligada essencialmente ao que fazem no território; envolvendo práticas culturais específicas da sua posição geracional enquanto crianças. Identificamos como exemplos dessas práticas: cantigas populares; brincar de ximbra; confeccionar bonecas e petecas de milho, carrinhos de bananeira e/ou de lata; se envolver (ou não) no artesanato local; cantar e dançar funk. Com base nestas experiências e nos estudos de culturas infantis, compreendemos que, ao mesmo tempo em que as crianças preservam parte da tradição popular, passada de geração em geração, elas

também são catalisadoras de algumas transformações culturais locais. Como conclusão, é relevante a desconstrução da imagem generalizada dos quilombos apenas como *locus* de transmissão e reprodução das tradições, bem como das crianças marcadamente como receptoras da cultura dos/as mais velhos/as.

Palavras-chave: Práticas culturais. Crianças. Quilombola. Geração. Sertão.

Abstract

This work registers cultural practices of young generations of a *quilombola* community in the northeast Sertão, located in Água Branca-AL, Brazil. It was conducted 11 workshops with 37 *quilombola* children and 2 elder people of the community. Considering the children protagonism in the field work, we walked with them in the territory and it was promoted group conversations, intergenerational dialogues, popular play and manual production of toys taught by individuals of those generations. Based on the field work, the younger participants showed their *quilombola* identity essentially associated with what they do in the territory; involving specific cultural practices based on their generational place as children. We identified as cultural practices examples: popular songs; *ximbra*; handcraft corn dolls and shuttlecocks; small cars made by banana tree and/or used can; to engage or not in the local craftwork production; to sing and dance funk. Based on those experiences and in the childish culture studies, it was observed that children preserve part of the popular tradition, passed down from generation to generation, and simultaneously they catalyze some local cultural transformations. In terms of conclusion, it is relevant to deconstruct the *quilombos'* generalized image only as a *locus* of tradition reproduction and transmission, as well as to characterize children mainly as receptors of elder people culture.

Keywords: Cultural practices. Children. *Quilombola*. Generation. Sertão.

Resumen

En este estudio de prácticas culturales de las generaciones más nuevas de una comunidad *quilombola* del “Sertão Nordeste”, ubicada en el municipio de Água Branca-AL, en Brasil. Fueron realizados 11 talleres con 37 niños quilombolas, y 2 mayores. Por medio del protagonismo de estos niños, fueron ejecutadas caminadas por el territorio, círculos de charlas, diálogos intergeneracionales, juegos y confección de juguetes enseñados por estas generaciones. Con estas actividades realizadas, los participantes más jóvenes explicitaron su identidad quilombola esencialmente de acuerdo con lo que hacen en el territorio involucrándose en prácticas culturales específicas a su posición generacional mientras son niños. Identificamos como ejemplos de estas prácticas: canciones populares, jugar con las canicas, confeccionar las muñecas y resorteras hechas de maíz, carritos hechos de bananera y/o de lata, involucrarse (o no) en la artesanía local; cantar y bailar funk. Basado en estas experiencias y en los estudios de culturas infantiles, comprendemos que, al mismo tiempo que los niños preservan parte de la tradición popular, heredada generación tras generación, ellos también son catalizadores de algunas transformaciones culturales locales. Como conclusión, es relevante la desconstrucción de la imagen generalizada de los *quilombos* apenas como *locus* de transmisión y reproducción de las tradiciones, así como de los niños marcadamente como receptores de la cultura de los ancianos.

Palabras -llave: Prácticas culturales. Niños. *Quilombola*. Generación. Sertão.

Résumé

Ce travail traite des pratiques culturelles des jeunes générations d'une communauté afro-descendante (*quilombola*) du nord-est du Sertão, située dans la municipalité d'Água Branca-AL, Brésil. Onze ateliers ont été réalisés avec 37 enfants afro-descendants et 2 personnes âgées. Sur la base du protagonisme des enfants, des promenades sur le territoire, des rondes de conversation, des dialogues intergénérationnels, des jeux et la fabrication de jouets enseignés par ces générations ont été réalisés. A travers ces activités,

les plus jeunes participants ont explicité leur identité afro-descendante, liée essentiellement à ce qu'ils font sur le territoire ; impliquant des pratiques culturelles spécifiques à leur position générationnelle d'enfants. Nous avons identifié comme exemples de ces pratiques: le chansons populaires, le jeu de la *ximbra*, la fabrication de poupées et de tasses en maïs, les voitures en bananier et/ou en fer blanc, l'implication (ou non) dans l'artisanat local, le chant et la danse funks. Sur la base de ces expériences et d'études sur les cultures enfantines, nous comprenons que, en même temps que les enfants préservent une partie de la tradition populaire, transmise de génération en génération, ils catalysent également certaines transformations culturelles locales. En conclusion, il est pertinent de déconstruire l'image généralisée des *quilombos* (communautés afro-descendantes) uniquement comme lieu de transmission et de reproduction des traditions, ainsi que celle des enfants uniquement comme récepteurs de la culture des aînés.

Mots-clés : Pratiques culturelles. Enfants. Afro-descendant (*Quilombola*). Génération. Sertão.

Introdução

Este trabalho aborda práticas culturais desenvolvidas em contextos de comunidade quilombola do nordeste brasileiro, considerando especificamente o envolvimento da geração das crianças nessas produções culturais. As referidas práticas estão associadas à ideia de tradições transmitidas de geração em geração, de modo que, nas comunidades quilombolas, perpetuam-se ao longo do tempo. As comunidades quilombolas ou comunidades negras rurais brasileiras são ricas em saberes populares, tradições e práticas culturais transmitidas intergeracionalmente (VALENTIM; TRINDADE, 2011; SOUZA, 2015; AMORAS; MOTTA-MAUÉS, 2016). A associação entre cultura e práticas tradicionais no contexto quilombola é bastante frequente, considerada a reprodução cultural como um traço característico dessas populações (BRASIL, 2003). Manifestações culturais, artísticas e estéticas, valores e costumes produzidos nestes territórios são transmitidos de geração em geração, dos/as mais velhos/as para os/as mais jovens, perpetuando-se não sem modificações, ao longo da passagem do tempo.

Assim, justifica-se o estudo da experiência intergeracional e práticas culturais (re)produzidas em comunidades quilombolas, visto que a história (de resistência) das tradições e costumes, bem como a manutenção da cultura popular local podem se manter vivas com e através dessas trocas. Entretanto, é válido destacar que esses traços não devem operar como uma crença limitante, o que terminaria por reduzir as práticas culturais quilombolas à manutenção de experiências ancestrais. Consequentemente, ignorando-se as transformações e mudanças da cultura local, cometendo-se também o equívoco de supor desconexão entre essas comunidades e outros contextos sociais.

Entre a população quilombola brasileira, cultura não se limita à perpetuação do legado ancestral (VALENTIM; TRINDADE, 2011), estando também conectada com a cultura, os valores e costumes produzidos a partir de outros contextos socioculturais (AMORAS; MOTTA-MAUÉS, 2016). Ou seja, não é apenas a ancestralidade local que define um quilombo como tal, pois “os saberes, ou as culturas, não existem somente para serem transmitidas” (BARBOSA, 2014, p. 654). Ademais, como aborda Almeida (2011), aspectos sociais devem ser levados em consideração, tais como: fatores organizacionais, representativos, econômicos,

culturais, políticos, dentre outros que não são estagnados no tempo, ou advém de herança ancestral.

É sabido que, à medida em que a sociedade vem se modificando, o quilombo se transforma, como também parte integrante desse meio social; o que implica diretamente em sua cultura local (SOUZA, 2015). Dentro desse contexto, as gerações mais novas – compostas, por exemplo, pelas crianças – são sujeitos atuantes para com a (re)produção sociocultural local, ou seja, para com a transformação de antigas e engendramento de novas práticas culturais. Não se limitando à reprodução cultural intergeracional, as crianças não só reproduzem, mas também estão produzindo cultura (BARBOSA, 2014), seja ressignificando práticas já existentes em seu meio, seja emergindo novas práticas advindas de outras esferas sociais, indo além da tradição transmitida em sua comunidade.

Assim, a partir dessa perspectiva, e mediante os diferentes elementos que constituem o cotidiano de uma comunidade tradicional, quais são as práticas culturais do dia a dia que englobam e caracterizam a infância quilombola?

A fim de responder esse questionamento, surge esta pesquisa, cujo principal objetivo foi analisar, a partir de narrativas e experiências vivenciadas por crianças da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas¹, as práticas culturais desta geração mais nova, bem como observar a relação existente entre este grupo geracional e a cultura popular local. Assim, a pesquisa realizada não é *sobre* as crianças e sua infância quilombola, mas sim *sobre* práticas culturais *com* essas crianças e suas infâncias, uma vez que elas foram os sujeitos participantes desta pesquisa.

A partir de trabalho de campo, práticas culturais foram identificadas por meio das falas das crianças, como também a partir de suas experiências comunitárias, e de diálogos com alguns sujeitos mais velhos. Os sujeitos participantes dessa pesquisa, abordados a partir da perspectiva geracional (ROSEMBERG, 2012), são moradores da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas, localizada na região nordeste do Brasil, mais precisamente na zona rural do município de Água Branca – Alagoas, distante cerca de 3km da sede municipal. A Serra comporta 86 famílias, residindo em torno de 250 moradores/as (SOUZA, 2021) que estão distribuídos/as em cerca de 70 moradias na comunidade (COEP; LABETINHO, 2019).

A agricultura familiar, assistência governamental (Bolsa Família-Auxílio Brasil) e a produção artesanal, em que as mulheres são as principais responsáveis na Serra das Viúvas, são as principais fontes de renda para a economia da comunidade (SOUZA, 2021; LIMA, 2018; ROMERO, 2014;). O artesanato, além de ser fonte de renda, é também prática cultural no quilombo (LIMA, 2018). Em alguns casos, há também a migração pendular de muitos homens da Serra, os quais viajam sazonalmente para em outros estados brasileiros acessarem empregos de melhores salários.

Nosso interesse pelas práticas culturais das crianças da Serra emergiu a partir da experiência de um projeto de extensão universitária², por meio do qual conhecemos a comunidade e

¹ No ano de 2009, a Comunidade Quilombola Serra das Viúvas recebeu a Certidão de Autodefinição como Remanescentes de Quilombo, da República Federativa do Brasil – Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares (SOUZA, 2020).

² O projeto “Grupo de Leituras em Estudo da Infância (GLEI): o olhar das crianças de comunidades tradicionais” dedicou-se à relação das crianças com sua própria comunidade. Apoio: Pró-reitoria de Extensão da Universidade

começamos a estabelecer uma relação entre nosso grupo de pesquisa (o Grupo de Leituras em Estudos da Infância) e os moradores e lideranças. Na próxima subseção explicitamos algumas considerações metodológicas sobre o trabalho de campo da pesquisa ora apresentada. Em seguida, apresentamos as práticas culturais vivenciadas pelas crianças na Serra, buscando visibilizar a sua relação com tradições locais e produções culturais contemporâneas externas à comunidade. Depois, apresentamos produções das crianças que figuram como práticas culturais como a construção de brinquedos. Na sequência, refletimos sobre o tema da pesquisa e a educação informal, visto que é nesse contexto onde são engendradas práticas culturais e onde as mesmas são atualizadas por meio das relações intergeracionais. Trazemos também um pouco da perspectiva de sujeitos das gerações mais velhas da comunidade sobre a problemática da preservação da cultura local e da infância da Serra.

Estar no campo com as crianças

Nosso contato com a comunidade foi iniciado em 2017. Primeiro, por conversas informais com as lideranças da associação comunitária, a Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (AMAQUI), que reúne artesãs locais que utilizam majoritariamente o cipó e a palha do ouricuri (ou licuri) na produção manual e ecologicamente sustentável de várias peças de artesanato, há mais de três gerações (ROMERO, 2014). Depois, quando de nossas primeiras visitas à Serra, em 2017 e 2018, por ocasião do evento aberto do Dia da Consciência Negra, tivemos a oportunidade de conhecer as lideranças mais velhas da AMAQUI, bem como uma parte do território comunitário. Já em 2019, iniciando as formalidades do projeto, seguiu-se nossa participação em uma reunião da Associação com as associadas (mães de várias das crianças que viriam, na sequência, a participar da pesquisa), realização de visitas domiciliares³, e enfim o início do trabalho de campo com as crianças, promovido em grupo, por meio de oficinas.

Tendo como ponto de encontro o espaço da Associação, realizamos 11 oficinas com crianças da Serra, no período de abril a agosto de 2019. Naquela oportunidade, observamos o protagonismo das crianças para falarem sobre si mesmas e sobre o seu lugar, estabelecendo uma convivência conosco, as pesquisadoras, ao longo da execução frequente das oficinas propostas por nós à comunidade. Participaram ao todo 37 crianças, na faixa etária de 4 a 12 anos, sendo 25 meninas e 12 meninos. A cada encontro a frequência de participantes variava entre 15 a 17 crianças presentes. Em duas das 11 oficinas contamos também com a presença e contribuição de duas idosas, nas quais objetivamos possibilitar um espaço para diálogos intergeracionais entre elas e as crianças.

Adotamos como objeto de estudo algumas das práticas culturais executadas e protagonizadas pelas crianças naquele território. Como instrumento de registro dos dados, redigimos relatórios de campo detalhados, totalizando 11 relatórios, produzidos pelas pesquisadoras ao

Federal de Alagoas (UFAL). Agradecimentos: lideranças da comunidade quilombola Serra das Viúvas e à Maria Thaís Mota do Nascimento, em nome de toda equipe do GLEI.

³ Acompanhadas por lideranças comunitárias, realizamos tais visitas para cumprirmos com formalidades éticas do Projeto, por meio das quais utilizamos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE) junto a adultos-responsáveis pelas crianças.

final de cada oficina. Utilizamos para a composição dos relatórios: fotos, fotografadas por nós e, algumas vezes, pelas próprias crianças; e gravações de áudios⁴. Os relatórios são o documento de pesquisa que sistematiza as informações apresentadas neste estudo.

Para ouvirmos as crianças, as idosas, e conhecer suas práticas culturais naquele território, em cada oficina eram propostas diferentes atividades previamente planejadas e organizadas em um roteiro, o qual foi utilizado como guia para as pesquisadoras conduzirem as oficinas, sendo o mesmo adotado com a flexibilidade necessária para que os/as participantes também exercitassem seu protagonismo na pesquisa. Por exemplo: mudando alguma atividade proposta, demorando-se naquelas que desejassem, alterando a temática inicial dos debates, ou eventualmente suspendendo uma atividade planejada, etc.

Tratando-se de adultas pesquisadoras e não quilombolas em um contexto de projeto com gerações mais novas, buscamos cuidar, com base nos argumentos de Delgado e Müller (2005) e Barbosa (2014), para que nossas diferenças etárias e geracionais fossem manejadas de forma a minimizar a desigualdade e hierarquia nas relações com as crianças, nos aproximando do universo infantil numa condição de troca mais horizontal possível. A flexibilidade do roteiro da oficina, dando espaço para improvisos e alterações criadas principalmente pelas crianças, concretizou-se como uma forma de promover a horizontalidade desejada para o nosso encontro com elas. “O adulto-pesquisador e a criança são sujeitos estranhos para ambos, e ao mesmo tempo, podem ser sujeitos que se abrem ao diálogo e ao conhecer-se, sem a necessidade de tornar-se o Outro” (SOUZA, 2015, p. 56). Nossa busca, portanto, foi lidar com essa estranheza (intergeracional) de modo que esse encontro seja dialógico, e que afete adultas-pesquisadoras e crianças-participantes.

Utilizamos então caminhadas, tanto planejadas por nós quanto sugeridas pelas crianças; rodas de conversas; contação de histórias, confecção de cartazes; confecção de brinquedos; e diálogos intergeracionais. Enquanto pesquisadoras, nos colocamos como facilitadoras das oficinas, sendo que nas atividades conduzidas pelas próprias crianças, esse papel ganhava contornos de observação participante (FILHO; BARBOSA, 2010), na medida em que elas nos indicavam o quê fazer e como fazer.

Práticas culturais mapeadas

As crianças, enquanto membros de um grupo geracional específico, atuam sobre a cultura local, sendo a mesma associada também às culturas infantis, na medida estas últimas não são apartadas das culturas de jovens, adultos e pessoas mais velhas da comunidade. As culturas infantis são entendidas aqui como aquelas que surgem na vivência das crianças entre si, em suas práticas em comum que se assemelham e que se entrelaçam com a ludicidade (BARBOSA, 2014). As culturas infantis, compartilhadas entre pares, são interdependentes das práticas da comunidade como um todo, e vice-versa, de modo que as crianças também contribuem

⁴ A produção de fotografias e registro de áudio foram previamente acordados com as famílias e as crianças, e feitos exclusivamente através de equipamentos pessoais das pesquisadoras. Estes materiais não foram tratados como dados da pesquisa, mas sim como registros para subsidiar a elaboração dos relatórios. Estes sim registram nosso olhar sobre o trabalho de campo e geraram informações a serem analisadas neste estudo.

ativamente para a cultura na qual elas vivem (SOUZA, 2015).

Considerando as crianças como sujeitos sociais que muito sabem e podem falar sobre si e sobre o seu lugar, no decurso da 4ª oficina objetivamos escutar delas o que é ser quilombola, ou seja, quais as definições que elas dão para essa identidade. Com esse propósito, em um dado momento, numa roda de conversa com todas nós (crianças e adultas-pesquisadoras) sentadas no chão da sede da AMAQUI, primeiramente perguntamos se elas se consideram quilombolas e, ao obtermos um sim coletivo, indagamos então sobre o que é ser quilombola para elas. Não nos surpreendendo sobre a capacidade de se auto identificarem, começaram a nos responder fornecendo vários aspectos que caracterizam essa construção identitária, sob suas próprias perspectivas.

As crianças nos mostraram que, para elas, ser quilombola está totalmente entrelaçado às atividades que elas e seu povo realizam no dia a dia do quilombo. Ao serem questionadas sobre o tema, trouxeram vários afazeres como justificativa dessa identidade coletiva; afazeres esses que são algumas de suas práticas culturais. De modo geral, informaram que ser quilombola envolve costumes locais, produtos artesanais, alguns brinquedos e brincadeiras, dança e música. São essas práticas, portanto, que, segundo elas, as definem enquanto quilombolas e são discutidas nesta seção.

O funk em um quilombo do Sertão

Algumas dessas práticas culturais comprovam como as crianças são sujeitos que produzem cultura em seu meio e que, muitas vezes, remetem a outras realidades sociais. A exemplo, na Serra, temos algumas músicas e danças como tais práticas. Estas dizem respeito, especificamente, à difusão do funk, o qual apareceu em nosso trabalho de campo com as crianças no quilombo e está sendo tratado aqui como manifestação cultural que também envolve música e dança. Durante as oficinas, algumas vezes o som alto vindo de casas de moradores/as estimulava algumas crianças a dançar e cantar espontaneamente.

Foi interessante perceber o funk difundir-se entre elas de forma bastante ativa a partir do seu próprio interesse. Durante uma das caminhadas na Serra, “puxada” pelas crianças (Figura 1), uma das crianças mais velhas começou a cantar um funk. De imediato, outra continuou o diálogo nos perguntando sobre nossos interesses musicais e disse que “*aqui [na comunidade] a gente gosta mais de música de funk. Vamos ter aula de funk? Dêem aula de funk pra gente?!*” (Trecho do relatório de campo da 6ª oficina), denotando seu entusiasmo pelo gênero musical. Era comum algumas crianças nos convidarem a dançar com elas, demandando também nosso engajamento.

Figura 1: Crianças caminhando na comunidade Serra das Viúvas.



FONTE: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Vimos que elas param qualquer atividade em curso para dançar e cantar funk. Geralmente, elas também brincam umas com as outras dançando e cantando esse ritmo, “tirando onda”, rindo do jeito de os/as colegas dançarem. Observamos brincadeiras desse tipo como zoações, relacionadas a uma certa vergonha, a qual pode decorrer do olhar de censura e desaprovação de alguns/as adultos/as e pessoas mais velhas da comunidade.

Como estamos nos referindo a um território nordestino, mais precisamente no Alto Sertão Alagoano, as músicas desse gênero mais cantadas e dançadas pelas crianças não são em sua maioria produzidas ali na sua região, a partir de artistas locais/regionais, mas sim do contexto sudestino; especificamente paulista e carioca. O funk advém de outros contextos sócio-culturais, sinalizando o quão as crianças da Serra não estão isoladas, mas sim conectadas com produções culturais da sociedade como um todo. Sabemos que há razões específicas para que a difusão de tais produções ocorra, tais quais: a partir dos aparelhos tecnológicos que as crianças possuem em suas residências⁵, bem como nas trocas de experiências e socialização com crianças e adultos/as de outras localidades, como por exemplo, nas escolas e outras comunidades as quais frequentam⁶.

Considerando o contexto local e das comunidades do entorno – amplas consumidoras/produtoras de músicas dos universos da vaquejada, repente, côco, forró, brega, sofrência, piseiro etc – a produção midiática veiculada pela grande mídia e pelas redes sociais é certamente a maior responsável pela propagação do funk entre as novas gerações no/do nordeste (SILVA, 2018). Assim, num contexto de expansão da globalização (MUNARIM; GIRARDELLO, 2012), o acesso às variadas mídias contribui incisivamente para esse gênero musical se difundir na Serra das Viúvas e em outros territórios distantes dos grandes centros urbanos do país.

“Seja no campo ou na cidade, as mídias estão presentes na vida das crianças como nunca antes visto” (MUNARIM; GIRARDELLO, 2012, p. 335), concretizando-se como ferramentas de ampla difusão de produtos para a indústria cultural (PEREIRA; EINCENBERGER;

⁵ Na Serra, todas as residências com crianças possuem um ou vários meios de comunicação (exemplo: televisão, rádio, celular, computador) - informação obtida (ainda não publicada) por meio da pesquisa domiciliar ‘Censo das infâncias’, realizada na Serra pelo subgrupo de estudos da infância do NUDES-UFAL.

⁶ Por meio da pesquisa domiciliar ‘Censo das infâncias’ (dados não publicados), realizada na Serra pelo subgrupo de estudos da infância do NUDES-UFAL, constatamos que, entre as famílias entrevistadas, 26,47% das crianças estudam na escola da própria comunidade, e 73,53% em escolas de comunidades próximas ou de área urbana.

VARGAS, 2015). Logo, seja por meio de seus próprios meios de comunicação, que lhes permitem o acesso a diferentes produções midiáticas, ou seja a partir da socialização dessas crianças em meio aos diferentes espaços onde circulam, a expansão das mídias e o interesse das gerações mais novas promove a difusão e compartilhamento de práticas culturais, a exemplo do funk, em diferentes contextos locais e sociais.

Refletir detidamente sobre a relação entre infância e grande mídia demanda um investimento maior do que o possível para este trabalho. Sobre esse aspecto, destacamos a valorização de bens e hábitos de consumo engendrados em outros contextos, mas não por isso menos presentes na realidade local. A música “da moda”, seja o funk ou qualquer outro estilo musical, está no cotidiano do quilombo e de outras comunidades tradicionais. Concordamos, então, com Hall (apud VALENTIM; TRINDADE, 2011) acerca do entendimento da globalização enquanto um processo mundial de espraiamento e agudização das desigualdades sociais entre nações, em que bens de consumo chegam às populações muito mais rapidamente do que o acesso aos direitos.

Além do funk, algumas brincadeiras protagonizadas pelas crianças na Serra guardam similaridades com outros contextos sociais. As brincadeiras, a partir da perspectiva histórico-cultural (CONDE, 2016), não são produções infantis completamente originais, ou seja, desligadas do mundo “dos adultos”. Ao contrário, brincadeiras são carregadas de aspectos culturais e das relações sociais estabelecidas nas vivências das crianças com outros sujeitos mais velhos. Desse modo, são práticas importantes que muito falam sobre as culturas infantis, mas também sobre a cultura mais ampla, frequentemente vista como cultura “dos adultos”.

Brincadeiras e brinquedos daqui e de acolá

Durante as oficinas, as crianças nos mostraram algumas práticas culturais que podem ter sido aprendidas com as pessoas mais velhas da Serra. Exemplos: cantigas de rodas, como “Sambalelê tantas laranjas”; brincadeiras que se brincam com as mãos e simultaneamente cantando cantigas populares, nomeadas pelas próprias crianças de “tricolomelo”, “popeye”, “babalu”, “sete e sete são 14, com mais sete, 21”, além da “brincadeira do anel”; e o uso de alguns brinquedos como ximbra, e a produção artesanal de brinquedos (“burrinho de barro”, “bicicleta de cipó”, “boneca de sabugo de milho”, “boneca de bananeira”, carrinho de lata, peteca, carrinho de bananeira), o que envolve a ludicidade. Todas estas foram apreendidas a partir de suas interações com os/as adultos/as.

No que tange à produção artesanal de brinquedos, as crianças apresentaram para nós o processo de fabricação do carrinho de lata, peteca e carrinho de bananeira, que chama a nossa atenção desde a busca de materiais necessários à confecção até a apresentação do produto final. Além disso, estas práticas estão presentes também em outros contextos sociais, já que são brincadeiras, brinquedos e cantigas popularmente conhecido também no contexto urbano local e nacional; não sendo, portanto, práticas necessariamente localizadas, mas sim de similaridades da infância quilombola/rural com a infância que acontece noutros contextos.

A presença de brincadeiras similares em distintos contextos e regiões do Brasil consta no levantamento realizado por MEIRELLES (2007), registradas também no “Brincadeiras pelo Brasil” do site “Território do Brincar: Um Encontro com a Criança Brasileira”, os quais

identificam sistematicamente variadas brincadeiras e brinquedos existentes em diversos lugares do país. Algumas dessas são iguais ou semelhantes às presentes na Serra, como o carrinho produzido com lata de sardinha, presente também na Comunidade Entre Rios, do Maranhão; o carrinho feito com latas grandes e o jogo de bila, localizado em Tatajuba, no litoral do Ceará, sendo este último jogado e conhecido na Serra como ximbra; a peteca, feita da casca da bananeira em Abadia, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, mas produzida na Serra das Viúvas com o sabugo do milho; dentre outras.

Durante a 9ª oficina que realizamos na sede da AMAQUI, a qual teve como principal objetivo a fabricação de diferentes tipos de brinquedos, as crianças da Serra foram as oficinairas, nos ensinando como confeccionar estes objetos do brincar. Para a ocasião, as crianças haviam listado os materiais que precisaríamos levar para que a produção ocorresse: algumas latas, garrafas pets com tampinhas, barbante e tesouras. Os demais materiais necessários (barrinhas de ferro, faca, alicate), as crianças optaram por pegar na própria comunidade.

Algumas dessas produções foram os carrinhos de latas, os quais são feitos pelas crianças com o uso de dois tipos de materiais, o que resulta também em dois modelos de carrinhos: um feito com latas de sardinhas, o outro com latas grandes que armazenam leite, ambas vazias. Essa produção foi mediada majoritariamente pelos meninos.

As crianças da Serra não conseguiram nos ensinar a fazer o carrinho de lata de sardinha, visto que quando o oficinairo, participante da pesquisa, começou a furar uma das latas, terminou amassando-a, o que fez com que ele desistisse de usá-la. Olhou para as latas grandes, providenciadas pela equipe da pesquisa, e disse: *“me dê aí uma vá, tive uma ideia aí, acho que presta. Me dê essa bichona aí [se referindo à lata maior]”* (L.⁷, trecho do relatório de campo da 9ª oficina). Fomos então à produção com a lata maior (Figura 2), como demandado por ele.

Figura 2: Crianças ensinando à pesquisadora a construção do carrinho de lata.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Latas de leite vazias que não têm ondulações em sua estrutura, alicate, barras de ferro e barbante são os materiais necessários para a confecção do carrinho maior, que pode ser feito utilizando apenas uma lata, ou duas. Primeiro, fura-se dois buracos na lata, sendo um na tampa e outro no fundo; em seguida, enfia-se uma barrinha de ferro nessas perfurações,

⁷ Abreviação utilizada para garantir o anonimato das crianças participantes da pesquisa.

utilizando-se do auxílio de alguma outra ferramenta (as crianças utilizaram os alicates) para empurrar os ferros. Logo após, amarra-se nas pontas do ferro, que ficam para fora da lata, um pedaço grande de barbante. Agora, para brincar com o carrinho basta puxá-lo pelo barbante e o carrinho vai rolar (Figura 3). Caso o carrinho seja confeccionado com duas latas, o processo de execução é o mesmo, muda-se apenas o processo juntando as duas latas, e também amarrando pedaços de barbantes nas pontinhas dos ferros das duas, ligando uma à outra (Figura 4).

Tal passo a passo é uma tentativa de transcrever de forma resumida as explicações fornecidas pelas crianças, nossas professoras na produção artesanal deste brinquedo. Ao ouvir e reproduzir com elas essa aprendizagem, refletimos a noção de que elas são sujeitos nos quais a pesquisa deve escutar (SOUZA, 2015), e com as quais adultos podem sempre aprender.

Figura 3: Crianças brincando de corrida com os carrinhos feitos com uma lata confeccionados na oficina.

Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Figura 4: Crianças e pesquisadora brincando de corrida com os carrinhos feitos com duas latas durante a oficina.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

As crianças também confeccionaram petecas, que foram produzidas com a utilização de sabugos de milho. Foram as meninas que, predominantemente, mostraram domínio quanto ao processo dessa produção. Segundo nos foi mostrado por elas, para confeccionar as petecas, basta cortar os sabugos, de modo que fiquem com uma espessura de, aproximadamente, 8cm de comprimento, e introduzir penas (de galinha, por exemplo) bem no meio do sabugo, na parte mais mole, maleável. As meninas nos informaram que quanto mais penas forem enfiadas, e quanto mais bem colocadas, maiores as chances de o brinquedo atingir altura no ar e maior a sua durabilidade. Isso foi confirmado quando as crianças foram brincar com as petecas produzidas (Figura 5): as petecas que tinham maior quantidade de penas não “desmanchavam”, ou seja, a pena não soltava do sabugo. Percebemos também que o brinquedo demanda técnica na hora de ser jogado, a fim de que atinja mais altura.

Apesar de as meninas terem liderado a produção, todas as crianças brincaram juntas com as petecas. Enquanto facilitadoras, pedimos para que elas nos ensinassem também como brincar, com o objetivo de interagir mais durante a brincadeira. Enquanto nos ensinavam e jogavam conosco, um dos meninos pegou um estilingue de seu pai para arremessar as petecas (Figura

6). Com o estilingue, a peteca ia bem mais alto, o que fez com que algumas delas se perdessem, por caírem muito distantes do local de arremesso.

Figura 5: Peteca feita com sabugo de milho e penas de galinha durante a oficina.



Figura 6: Peteca sendo lançada através de um estilingue em frente à AMAQUI.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.
Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

As crianças da Serra têm, não somente o domínio acerca da produção de alguns brinquedos, como também têm liberdade para circular nos mais variados espaços da comunidade, uma vez que para construção dos brinquedos é necessária a extração de recursos naturais encontrados em diferentes locais do quilombo.

Para a confecção do carrinho de bananeira, por exemplo, como o próprio nome sugere, faz-se necessária a extração do tronco da bananeira enquanto matéria-prima principal. As crianças logo indicaram os lugares nos quais poderiam ser encontrados esses troncos e nos guiaram até os fundos de uma casa de farinha da comunidade, onde há uma grande concentração da referida planta. É interessante notar nessa ocasião que as crianças não se referem às barreiras decorrentes de possível propriedade da terra, ou seja, elas não citaram que as bananeiras pertencem a alguém específico, e não hesitaram em usar os troncos como queriam. Enquanto extraíam a matéria-prima necessária à produção (Figura 7), as crianças nos falaram que usam apenas os troncos que já estão caídos no chão; ou seja, não comprometem a planta para que os brinquedos sejam confeccionados (Figura 8).

Figura 7: Criança extraindo matéria-prima para confeccionar os carrinhos de bananeira na oficina.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Figura 8: Crianças mostrando e ensinando às pesquisadoras como extrair os troncos da bananeira para confeccionar carrinhos.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

A coleta das partes da bananeira foi feita usando faca⁸ e força manual. As crianças mais velhas fizeram este trabalho, demonstrando um melhor manuseio com os troncos, provavelmente por terem maior costume com a atividade e/ou por terem mais força; mas apesar do protagonismo das crianças mais velhas neste momento, todas elas, independentemente de suas idades, participaram.

Foram pegos vários troncos de bananeira, e retornamos à sede da AMAQUI, a fim de iniciar as produções. Todas as crianças e pesquisadoras participaram desse momento. As crianças nos ensinaram cada passo, explicando como deveríamos descascar os troncos até que ficassem na proporção exata para utilização e nos indicavam quais troncos serviam ou não como base de produção dos carrinhos (Figura 9). Ao olhar a parte interna de cada tronco, elas conseguiam avaliar se eles nos seriam úteis, e diziam: “*esse serve; esse não*” (Trecho do relatório de campo da 9ª oficina). Percebemos, com isso, que o critério para a seleção era a cor do tronco, que só seria considerado bom caso sua parte interna fosse toda branca. Caso o tronco estivesse com coloração escura, quase preta, ele não poderia ser utilizado, visto que a textura dos troncos escurecidos era amolecida, o que poderia vir a comprometer a produção e, conseqüentemente, a durabilidade do carrinho. Dessa forma, quanto mais branco o interior do tronco, mais duro e resistente ele é, sendo, portanto, considerado ideal para a produção. Essa parte da bananeira utilizada é o que conhecemos popularmente como o palmito, mas fomos informados pelas crianças que essa parte utilizada na produção é conhecida na comunidade como “*busu*”, e que é bastante usada também para fins medicinais, sendo ótima para auxiliar na cicatrização de machucados sobre a pele.

Já para fazer o carrinho, seguindo as orientações dadas pelas crianças, primeiro é necessário cortar quatro rodela de *busu*, que serão as rodas do carro. Em seguida, corta-se o tamanho do comprimento do carro; essa mesma parte deverá ser cortada ao meio e ao longo obtendo, assim, formato de meia lua. Feito isso, o último passo é apenas unir essas partes com a ajuda

⁸ Assim como na coleta, a faca foi um instrumento importante também para a confecção dos carrinhos, visto que auxiliava as crianças no manejo e aperfeiçoamento dos troncos. Quanto à sua utilização, vale destacar que as crianças negaram nossa tutela durante o seu manejo. Enquanto pesquisadoras isso nos inquietou, considerando que, para nós, tratava-se de um objeto perigoso e inadequado para ser manuseado por crianças. No entanto, ao utilizá-lo, as crianças mais velhas nos mostram, naquele contexto, bastante destreza e familiaridade com a tarefa, de modo que cuidamos para que as mais novas não se envolvessem diretamente na execução.

de palhas – as mesmas utilizadas também na produção de vassouras. As crianças confeccionaram três carrinhos, como o registrado na Figura 10.

Figura 9: Crianças durante o processo de construção do carrinho de bananeira.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Figura 10: Carrinho confeccionado com recursos da bananeira finalizado.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Os troncos de bananeira foram usados também como base para confecção de bonecas, demonstrando versatilidade da matéria-prima e criatividade das crianças e dos/as mais velhos/as da comunidade, que as ensinaram a confeccionar tais brinquedos. As meninas, que foram as protagonistas desta produção, explicaram que para confecção poderia ser utilizado um pedaço do *busu*, igual ao do comprimento do carro, que é o corpo da boneca; os membros, ou seja, braços e pernas, são feitos com talos de vassoura, que são enfiados no *busu*, na altura adequada. Já a cabeça da boneca é feita com uma rodela bem fininha do *busu*.

Podemos observar, então, a infância da Serra das Viúvas caracterizada por certas brincadeiras e brinquedos que envolvem um papel ativo das crianças. Na produção, bem como durante a brincadeira, ressaltamos que foi interessante perceber o engajamento de toda a comunidade para auxiliar as crianças com a disposição de materiais. As penas utilizadas nas petecas eram penas de galinha, que foram dadas por uma moradora a pedido das crianças, assim como o estilingue cedido pelo pai, que apesar de ser um objeto utilizado na caça (atividade realizada, majoritariamente, pelos adultos), foi disponibilizado naquele momento como brinquedo, a pedido da criança.

A partir de outros estudos (NASCIMENTO (2014); VELOSO; CARVALHO (2020); ANDRADE; BRANDÃO (2021), vemos em outros quilombos brasileiros também a presença de produções de brinquedos iguais ou semelhantes aos que as crianças da Serra fazem. Essa similaridade de artefatos lúdicos em diferentes comunidades quilombolas comprova o espraiamento de elementos do brincar pelo território nacional. Dessa forma, é explícito o quão as práticas culturais infantis que envolvem brinquedos e brincadeiras na Serra não são unicamente particulares a elas, mas são práticas que além de perpassar gerações, perpassam também fronteiras territoriais. Simultaneamente, tal compartilhamento de brinquedos e brincadeiras aponta para um fio resistente que liga, via cultura, as comunidades negras rurais e urbanas do país.

Práticas culturais e educação informal

Na Comunidade Quilombola Serra das Viúvas a tradição que se (re)produz advém das relações sociais entre as crianças e pessoas mais velhas, em que as gerações mais novas aprendem com estas últimas, em experiências de trocas educacionais não formais. Essa relação intergeracional que acontece no âmbito familiar e comunitário desde cedo, são, portanto, contextos de aprendizagem imprescindíveis para a formação identitária das crianças, já que o que fazem as definem enquanto quilombolas, como dito por elas próprias e mencionado anteriormente.

Tais fatores asseveram o quanto o educar e o aprender cumprem um papel fundamental na vida de qualquer ser humano, educação essa que não se restringe às escolas, ao aprender ler e escrever (LIBÂNEO, 2010), com conteúdos previamente programados e sistematizados (CASCAIS; TERÁN, 2009) mas que antecedem as práticas escolares, iniciando a partir dos primeiros vínculos que se criam com as crianças, como no caso da Serra. Isto posto, quando chegam às unidades formais de ensino, as crianças já possuem conhecimentos sobre si e o mundo, com costumes e práticas culturais a partir de suas realidades vivenciadas.

Essas trocas que ocorrem na comunidade transcorrem no campo da educação informal geram experiências de aprendizagem muito importantes. Segundo Gohn (2006), essa modalidade educacional ocorre nos primeiros vínculos que as crianças criam, nos quais “os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc.” (p. 29), em que as aprendizagens acontecem a partir das vivências cotidianas, onde as gerações mais velhas têm função primordial para ensinar às mais novas (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2014). E são esses atributos que sucedem a partir das práticas culturais (re)produzidas pelas crianças na Serra, já que estas realizam-se no cotidiano na comunidade, fora das instituições formais de ensino e, principalmente, os ensinamentos da tradição já existente em seu cotidiano, contribuem para a construção desse grupo de crianças enquanto população específica.

No campo da educação informal, o principal objetivo está relacionado com o processo de socialização dos indivíduos, mas, segundo Gohn, nesse campo “os resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, senso este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente” (2006, p.30). Não obstante, é notório que a tradição (re)produzida pelas crianças na Serra, aprendidas a partir das relações com o Outro, têm intenções em uma via de mão dupla: há intenções dos adultos em ensiná-las, e no querer aprender por parte das gerações mais novas. Desse modo, quais são as pretensões que se buscam a partir dessas trocas educacionais?

Para as crianças, elas nos mostraram que (re)produzem as práticas culturais dos adultos com o desejo de participar e se engajar ativamente na atividade mais caracterizadora da Serra (a produção do artesanato), e pela ludicidade que as encantam, no caso das brincadeiras e confecção de brinquedos. Essas vontades, que partem das crianças, são extremamente importantes, pois se elas não querem (re)produzir, não há continuidade da tradição, com participação e engajamento dessas infâncias nas práticas culturais que perpassam gerações na comunidade.

Para as gerações mais velhas da Serra, o engajamento das crianças é exatamente crucial para a cultura popular local. Destacamos algumas ocasiões em que percebemos das mais velhas um receio da tradição deixar completamente de existir. As oficinas 5 e 10 tiveram como principal objetivo promover diálogos intergeracionais entre as crianças e importantes lideranças idosas da comunidade. Ali, as intenções das gerações mais velhas para com a preservação das práticas culturais foram nitidamente expressas através de suas próprias falas.

Para a 5ª oficina, convidamos Dona Belinha para falar sobre histórias antigas, coisas que ela fazia e brincava enquanto criança, ou seja, experiências de infância no passado. Ela lembrou e compartilhou com o grupo de pesquisadoras e de crianças a dança do côco⁹, que era comum na infância “daquele tempo”, mas que atualmente, apenas as crianças “de antes”, que são os idosos de hoje, a praticam. Em razão disso, ela expressou o desejo em que as crianças contemporâneas aprendessem as músicas que eram cantadas, informando que iria escolher um dia para ensinar a elas essas canções.

Em meio à conversa, Belinha falou ainda sobre experiências de sua infância; lembrou inclusive uma canção do côco que foi feita em sua homenagem, pelos seus avós, e que só mais tarde fora informada que o mesmo havia sido composto especialmente para ela. O tema da música surgiu numa passagem da sua infância quando ela chorou “de felicidade” ao ganhar um brinco; coisa rara na época. Belinha cantou:

[ôh Bela, cadê teus brincos?
Cadê os brincos de Bela?
E Bela não tinha brincos, comprei um e dei a ela...
e até hoje ela chora, ela chora, ela chora...].

(Trecho de relatório trabalho de campo das autoras, 5ª oficina)

Perguntamos às crianças se elas conheciam a música, e elas afirmaram que sim. Ao terminar de cantar, Belinha disse “*tem que anotar isso tudo num caderno porque a gente esquece se não cantar esses côco*”. Essa fala, com o desejo revelado de reservar um momento para ensinar as crianças, mostra a intenção de que essa prática cultural não caia em esquecimento. Ouvimos das crianças que elas já conhecem essa cantiga do côco, entretanto, Belinha expressou que elas não a praticam frequentemente na comunidade, o que indica também a necessidade do interesse para o engajamento das próprias crianças. Se não reproduzem, têm autonomia para isso.

Referente à produção artesanal na Serra das Viúvas, evidenciamos um dado momento em que ao ser questionada como se deu sua aprendizagem, Dona Belinha informou que desde pequena já fazia tranças na palha, quando ela ainda “*não tinha nem tamanho*” (Trecho do relatório de campo da 5ª oficina).

Já em uma roda de conversa que realizamos na 11ª oficina, D. trouxe uma trança feita da palha de ouricuri, como mostra a Figura 11:

Figura 11: Criança exibindo o comprimento da trança que ela mesma produziu.

⁹ Segundo Dona Belinha, como antigamente o chão das casas da comunidade eram feitos de barro, quando alguém estava construindo sua residência, convidava todo mundo da comunidade para dançar o côco, que consistia em passos com os pés para apilar o chão, deixando-o lisinho. Hoje a prática, que está sendo retomada pelas pessoas mais velhas da Serra, não tem mais o mesmo objetivo, consistindo nos mesmos movimentos, mas com o intuito apenas de apresentações públicas.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

Ao indagarmos como ela aprendeu a fazer a trança, obtivemos a seguinte resposta:

- D.: Minha mãe conta a história de que quando ela era muito nova, ela sempre fazia trança. Fazia chapéu, várias coisas. Aí um dia eu vi ela fazendo, aí aprendi a fazer: de quatro, seis, oito [fitas]... aí ela foi dizendo para mim, e eu aprendi.
- Pesquisadora: Essa que você trouxe é de quantas? de 8?
- D.: De 12.
- Pesquisadora: E com essa trança, vocês podem fazer o quê com essa trança?
- D.: Chapéu, bolsa, bolsa de botar dinheiro, celular, umas bolsas tipo carteira...
- C.: Dá pra fazer gravata também.

(Trecho de relatório trabalho de campo das autoras, 11º oficina)

Nesse diálogo reverberam alguns aspectos pertinentes. A primeira fala de D. evidencia seu desejo próprio em aprender a fazer o que viu sua mãe fazendo, e com sua autonomia e observação protagonizou sua própria aprendizagem para fazer um dos produtos do artesanato da Serra. Essa cena evidencia a criança como autora social de seu interesse, sendo ela a principal personagem de sua aprendizagem. Conseqüentemente, vemos o conhecimento dela sobre o uso das tranças; conhecimento que não se limita à criança que trouxe o produto, pois as outras ao perceberem que ela esqueceu de falar na gravata, já se manifestaram. Este engajamento é importante para a manutenção do artesanato na Serra pelas gerações mais novas, como desejam as mais velhas.

As falas anteriores revelam, portanto, que o artesanato na Serra antecede a geração de Dona Belinha, bem como de D., sendo uma prática cultural que vem perpassando gerações com trocas de aprendizagens que acontecem através do manuseio das matérias-primas necessárias para a produção artesanal (LIMA, 2018), e da oralidade, onde a memória ocupa lugar fundamental para destrinchar informações importantes (ROMERO, 2014). Para Gohn (2006), a educação informal é “carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (p. 28), então seria esse um sentimento herdado intergeracionalmente na Serra das Viúvas, que é o desejo da tradição se manter viva? Entendemos que sim, visto que os/as mais velhos/as de hoje que ensinam os/as jovens da comunidade, já foram as crianças que aprenderam com seus familiares. Logo, esse interesse não é recente.

Durante a oficina 10, contamos com a presença de Dona Marlene comoicineira, nos ensinando a fazer, juntamente com as crianças, produtos do artesanato (Figura 12), e compartilhando curiosidades sobre o assunto. Informamos à convidada que as crianças nos disseram que o artesanato é muito importante para a comunidade, por isso combinamos com

ela de aprender naquela manhã. Ao ouvir isso, ela mostrou felicidade pelas crianças considerarem essa prática cultural como importante, e complementou falando que para ela é muito significativo passar esse aprendizado (ensinar como se faz) para as gerações mais novas, pois ela não quer que um dia o artesanato se acabe na Serra das Viúvas. Foi explícito o medo expressado por D. Marlene de que esse conhecimento fique somente entre as gerações mais velhas da Serra. “*Não quero que isso morra junto com a gente*” (Trecho do relatório de campo da 10º oficina), disse ela.

Figura 12: Duas gerações produzindo artesanato na oficina.



Fonte: GLEI-NUDES-UFAL, 2019.

A relação de quem ensina na Serra e de quem aprende está relacionado com a forma básica da educação informal, que é “a vivência e a reprodução do conhecido, a reprodução da experiência segundo os modos e as formas como foram apreendidas e codificadas” (Gohn, 2006, p. 31). Portanto, são esses processos (re)produzidos que ocorrem no quilombo em questão, sendo completamente relacionados com os valores e a cultura própria da comunidade que, segundo Cascais e Terán (2014), são também características da modalidade educativa informal.

Diante do que foi explanado nesta seção, entendemos as inquietações das gerações mais velhas para com a preservação da cultura popular local pelas crianças, no que diz respeito especificamente ao artesanato. Notamos que parte da tradição não é mais mantida pelas gerações mais novas da Serra, o que mostra que elas não são uma continuação “fiel” de práticas e costumes de antepassados; elas são novas gerações que protagonizam e transformam novos costumes em suas vivências, de dentro e de/para fora do quilombo. Entretanto, vale destacar que há sim a preservação de muitas práticas culturais, a exemplo da confecção manual de brinquedos e produtos artesanais. Como demonstraram, as crianças visam o artesanato como prática relevante para toda a comunidade, e não apenas para grupos específicos, como por exemplo, para as mulheres da Serra. As crianças demonstraram que para elas fazer artesanato é também relevante, certificando que as trocas educacionais que ocorrem entre as gerações da Serra estão resultando na valorização de algumas tradições culturais.

Artesania: fruição e trabalho

Além das brincadeiras e brinquedos citados anteriormente, a pesquisa revelou práticas que envolvem diretamente a reprodução cultural, tais como: participação na produção do artesanato local, em que elas colaboram de forma não sistemática para uma das principais fontes de renda da comunidade.

Enfatizamos, portanto, que as crianças não reproduzem tais práticas culturais apenas como uma repetição e imitação do que veem dos/as mais velhos/as, mas com suas simbologias, interpretações e mudanças próprias, resignificando códigos, interferindo e modificando a cultura local (CONDE, 2016). Ainda assim, todas podem aprender as práticas dos/as mais velhos/as, mas nem todas as reproduzem do mesmo modo; quando as atualizam no tempo presente. A produção do artesanato, por exemplo, faz parte do cotidiano de todas as crianças da Serra, na qual elas ocupam o lugar de aprendizes das técnicas de produção desse produto cultural, mas nem todas se engajam nesse trabalho. Demonstram, assim, suas escolhas, de forma coletiva e individual, no sentido de que a maioria das crianças convive com a prática da artesanaria, mas não significa que todas estão engajadas, havendo diferenças dentro do próprio grupo geracional.

Muito embora este trabalho trate das práticas culturais das crianças da Serra, não podemos inviabilizar a importância dos aspectos culturais advindos da relação delas com os adultos. Assim, temos as culturas infantis sublinhadas pela relação das crianças entre si, nos momentos em que estão juntas brincando, conversando, partilhando, ou seja, produzindo cultura, o que Corsaro (2011) define como cultura de pares; mas temos também, e não são menos importantes, as práticas culturais que acontecem a partir da influência direta da relação delas com os/as adultos/as. Tais práticas são entendidas enquanto reproduções interpretativas, ou seja, quando observa-se simultaneamente uma dimensão de continuidade da cultura introjetada com resultados também da apropriação e interpretação dos novos sujeitos. Afirma-se assim a não neutralidade do universo infantil com o universo adulto, já que um está, de algum modo, em conformidade com o outro (op. cit.).

O artesanato produzido na Serra é advindo de um trabalho repassado e modificado de geração em geração, tendo sido muito importante no processo de reconhecimento formal da Comunidade como quilombola junto à Fundação Palmares. Atualmente, as mulheres da AMAQUI difundem as produções nacional e internacionalmente, sendo o seu manejo do cipó e da palha do ouricuri (ou licuri), uma palmeira abundante na região, um elemento original do artesanato da Serra para com o produzido em outras comunidades do estado.

Assim, o artesanato na Serra é uma atividade de trabalho que é ensinada às crianças informalmente.

Ao estar inserida na atividade familiar do trabalho, a criança reproduz essa cultura por meio da brincadeira e da ajuda, o que favorece a aprendizagem da forma de trabalho da sua família e contribui para a assimilação de sua cultura [...] (CONDE, 2016, p.56).

Por “ajuda” entendemos a contribuição fundamental de crianças a atividades importantes para a manutenção da vida material e cultural de suas famílias e/ou comunidades. Comumente caracterizadas como complementares à contribuição dos adultos, na realidade a contribuição de crianças nessas atividades é de grande relevância no cotidiano de suas famílias e na construção de si como pertencentes a uma comunidade.

O artesanato na Serra é, simultaneamente, um produto do trabalho e uma ferramenta de assimilação da cultura (tão forte que caracteriza para as crianças o ser quilombola). A artesanaria em si, enquanto o fazer de um artesão, não se limita na Serra ao artesanato produzido. Vimos que os brinquedos confeccionados pelas crianças, a partir da reutilização de objetos ou de elementos naturais, também são produzidos por meio de sua capacidade criativa e de forma artesanal. A nosso ver, a artesanaria na Serra perpassa muitas das práticas culturais que envolvem as crianças. Além disso, ela está associada ao trabalho tanto quanto à fruição: seus produtos são comercializados ou são brinquedos para si mesmos. Seja num caso ou no outro, percebemos a contribuição de diferentes gerações para essa arte se fazer presente, no passado e no presente da Serra.

Considerações finais

Objetivando analisar as práticas culturais vivenciadas pelas gerações mais novas da comunidade quilombola Serra das Viúvas, observando também sua relação com a problemática da preservação da cultura popular local, podemos considerar, a partir desse trabalho, que as crianças são sujeitos atuantes que envolvem-se coletivamente e protagonizam as novas práticas culturais, à medida em que não descartam o manutenção das práticas que perpassam gerações na comunidade.

Ao final da pesquisa realizada, percebemos que a comunidade pode ser um *locus* de cultura tradicional e cultura contemporânea simultaneamente. Ao mesmo tempo que parte da tradição é preservada na Serra, há também a inserção de movimentos do meio urbano nesse lugar comunitário/rural, a exemplo do funk. Enquanto produzem algum produto do artesanato, paralelamente podem estar ouvindo esse ritmo musical, certificando o quanto não devemos limitá-las a um isolamento sócio-cultural. No caso da Serra, vemos as conexões diárias entre espaço rural e urbano (MARQUES, 2015), inclusive no âmbito da cultura.

Muitas são as pesquisas com crianças em seus espaços formais de ensino, mas parafraseamos a importância para que haja mais trabalhos que dêem vozes e reconheçam a potencialidade das crianças nas pesquisas fora das escolas, em outros espaços nos quais elas se fazem presentes. As crianças têm muito a falar, e ao ouví-las, podemos conhecer e entender diversos aspectos que englobam suas realidades, como elas próprias, sua comunidade, seu povo, cultura, questões identitárias, raciais, e diversos outros aspectos sociais e/ou econômicos. Concordamos com Abramowicz e Oliveira (2012) quando abordam que as questões raciais atravessam a realidade de todas as crianças brasileiras, sejam elas de comunidades quilombolas ou não. Assim, são extremamente pertinentes e indispensáveis os estudos que tratem dessas questões, mas também vemos a importância de ouvir as crianças negras para além da sua cor de pele, por mais que seja este um fator determinante para muitas questões sociais. Pessoas negras também podem falar sobre moda, economia, jornalismo, música, trabalho, inclusive sobre cultura, como nos falaram as crianças da comunidade quilombola Serra das Viúvas.

O retorno deste trabalho às crianças e à comunidade, para além de um contexto acadêmico, permite o ingresso do olhar e escuta desse território sem limitações homogêneas e enclausuradas do ser quilombola da/na Serra das Viúvas. Permite, do mesmo modo, a

possibilidade de políticas públicas voltadas para este povo de acordo com a realidade cultural presente onde vivem. Inclusive, instigamos para que haja mais pesquisas e estudos dando voz ao povo quilombola, sem exclusão das crianças, que são elas também capazes de ser sujeitos de pesquisa, em que participam, embasam, interagem e muito têm a contribuir para dados relevantes acadêmicos e sociais.

Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos jurídicos, políticos e conceituais**. 1 ed. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p. 47-61.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi; OLIVEIRA, Silmara Sartoreto de. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. In: PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016., v. 2. (Cadernos PDE). Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_salete_bortholazzi_almeida.pdf. Acesso em: 20 de set. de 2022.

AMORAS, Maria; MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. Ser um trabalhador/tornar-se abacatense: criança, socialização e aprendizagem em uma comunidade quilombola da Amazônia-PA. **Rev. Latitude**, v.10, n.2, pp.251-285, 2016. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2508/pdf_1 . Acesso em 20 set. 2022.

ANDRADE, Girlaine Pessoa; BRANDÃO, Isabel Cristina de Jesus. As brincadeiras no cotidiano das crianças da comunidade quilombola do Ginete. In: ANAIS DO CONGRESSO DE ESTUDOS DA INFÂNCIA., 1., 2021, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Congresso Estudos da Infância, 2021. Disponível em:

www.even3.com.br/anais/IIICEI/414248-AS-BRINCADEIRAS-NO-COTIDIANO-DAS-CRIANCAS-DA-COMUNIDADE-QUILOMBOLA-DO-GINETE>. Acesso em 06 nov. 2022.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas Infantis: contribuições e reflexões. **Revista Diálogo Educacional**, [s.l.], v. 14, n. 43, p. 645-667, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/1870/1774>>. Acesso em: 07 set. 2021.

BRASIL. Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10980003/artigo-2-do-decreto-n-4887-de-20-de-novembro-de-2003#:~:text=Regulamenta%20o%20procedimento%20para%20identifica%C3%A7%C3%A3o,Ato%20das%20Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Constitucionais%20Transit%C3%B3rias.>>

Acesso em: 19 de abr. de 2021.

BRINCADEIRAS PELO BRASIL. **Território do brincar:** um encontro com a criança brasileira, 2014. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras-pelo-brasil/>. Acesso em: 14 set. 2022.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal em ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. **Ciência em tela**. Manaus, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014. Disponível em:

<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2022.

CONDE, Soraya Franzoni. O que as crianças do campo fazem fora da escola? Reflexões sobre cultura e infância em territórios rurais de Santa Catarina. **Crítica Educativa**, Sorocaba-SP, v. 2, n. 2, p. 51-61, jul./dez. 2016.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Trad. Lia Gabriele Regius Reis; Rev. Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011, 2ª ed.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens Etnográficas nas Pesquisas com as Crianças e suas Culturas. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2005. **Anais... 28ª** Reunião anual da ANPED, Caxambu, v. 28, p. 1-17. Disponível em:

<https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt0781int.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2021.

FILHO, Altino José Martins; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Metodologias de pesquisas com crianças. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 08-28, jul. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496/1935>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio. **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 27-38, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfO/?format=pdf>>. Acesso em 05 set. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** - São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Izabela Souza Teixeira. **Artesanato da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas Água Branca – AI (2010-2018): cultura e/ou sustentabilidade?** / Izabela Souza Teixeira Lima. – 2018. 63 f. : il.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, [s. l.], v. 2, n. 19, p. 95-112, 2015. Disponível em:
<<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/160/148>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil** / Renata Meirelles. – São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2007.

MUNARIM, Iracema; GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. Crianças, mídias e cultura de movimento: (des)caminhos para pensar o corpo na infância. In: Miguel G. Arroyo; Maurício R. da Silva (Orgs.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. 1. ed. - Petrópolis/RJ: Vozes, 2012, p. 331-347.

NASCIMENTO, Shirley Silva do. **Saberes, brinquedos e brincadeiras: vivências lúdicas de crianças da comunidade quilombola Campo Verde/PA - Dissertação (mestrado em Educação)** Universidade do Estado do Pará, Belém. Belém, 2014. 171f.

PEREIRA, Vilmar Alves; EINCHEBEGER, Jacqueline Carrilho; VARGAS, Vanessa Alves. Leituras da infância: da mimesis à indústria cultural. **Poiésis**, v. 9, p. 207-221, 2015. Disponível em:
<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/2724/2123>
Acesso em: 15 de out. 2022.

PERFIL DA COMUNIDADE. **Rede comunidades semiárido**, 2019. Disponível em:
<<https://comunidadescoep.org.br/perfil/comunidade-quilombola-serra-das-viuvias/>>. Acesso em 31 set. 2022.

ROMERO, Fanny Longa. Fazer artesanato para fazer a roça: práticas sociotécnicas na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, p. 281-292, set./dez. 2014. Disponível em:
<https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2014.50.3.10/4478>. Acesso em 14 de set. de 2022.

ROSEMBERG, Fúlvia Maria de Barros Mott. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: Maria Aparecida Bento. (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos jurídicos, políticos e conceituais**. 1. ed. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 11-41.

SILVA, Isabel Cristina Oliveira da. **Juventude e expressividade musicais no espaço escolar do Alto Sertão de Alagoas** - Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. - São Cristóvão, 2018.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto. **“Ser quilombola”**: identidade, território e educação na cultura infantil. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2015. [s.n.].

SOUZA, Maria Helena Menezes de. A concordância verbal com o pronome Nós na comunidade quilombola Serra das Viúvas / Água Branca - AL. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-13, 2021. Disponível em:
<<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/17810/209209215456>>. Acesso em 30 de set. de 2022.

SOUZA, Maria Helena Menezes de. **A variação nós e a gente na posição de sujeito da comunidade quilombola Serra das Viúvas / Água Branca - AL**. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de pósgraduação em Linguística e Literatura, Maceió. 2020. 91f. il.

VALENTIM, Renata Patricia Forain de; TRINDADE, Zeidi Araújo. Modernidade e comunidades tradicionais: memória, identidade e transmissão em território quilombola. **Psicologia Política**, v.11, n.22, pp.295-308, 2011. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v11n22/v11n22a08.pdf>>. Acesso em 20 set. 2022.

VELOSO, Alessandra Pereira de Carvalho; CARVALHO, Nazaré Cristina. O entrelaçar das memórias de velhos quilombolas: brincadeiras e saberes. **Humanidades & Inovação**, v.7, p. 67-79, 2020. Disponível em:
<<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4601/2191>>. Acesso em 07 nov. 2022.